



Andréa V. Diogo Garcia

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP

A paisagem fictícia como imagem recorrente na obra de Leda Catunda

No cenário histórico do último século, a pintura paisagística esteve em dormência frente ao Abstracionismo e ao conceitualismo das décadas de 60 e 70, graças a seu caráter figurativo e narrativo.

Pensar na pintura nacional e na representação da paisagem a partir de 1960, exige do expectador o deslocamento do seu lugar cômodo de observador contemplativo para agente reflexivo, indagador.

A pintura traz em sua concretude a inegável condição de nós mesmos de organismo vívido, repleto de mutabilidade, dinâmica, aflições, compartilhamentos e particularidades.

É ao falar nestas características que se pode situar a produção de Leda Catunda, conhecida por transitar livremente entre o figurativo e o abstrato desde a década de 80.

A sua representação de paisagem perpassa pela complexidade do conceito do termo, quando a mesma as recria utilizando-se de imagens apropriadas oriundas por vezes de estamparias, por vezes de imagens fotográficas.

Para circundar a discussão em torno do caráter de recorrência, foram selecionadas quatro obras dentre as produzidas por Leda: *Todo pessoal* (2006), *Mundo Macio* (2009), *Duas árvores com céu vermelho* (2009) e *Paisagem com onça* (2009).

O que se discute no artigo completo é o caráter de imagem recorrente enquanto paisagem fictícia, presente na obra de Leda, pontuando que a imagem recorrente é aquela que está pronta, não sofre nenhum tipo de alteração, e está presente em diferentes obras.

No caso da obra de Leda é preciso especificar que ao se falar em imagem recorrente, a terminologia não se aplica a um único elemento singular tomado em repetição, mas sim, a um todo de elementos visuais, cuja significância abrange o conceito pessoal da artista de paisagem.

A questão da paisagem fictícia é que possui um caráter de imagem recorrente, não um dado elemento particularizado. Sua existência de constância recriada sob novos olhares ao longo de sua trajetória, configura-se como um caráter recorrente, e reflete a liberdade extrema que o artista alcançou no seu fazer poético, deixando em segundo plano o estatuto do novo.

Diferentemente das demais linguagens artísticas contemporâneas, a pintura de Leda, instigadora e desafiante, possui um inegável limite espacial que lhe atribui um aspecto de acabada sem ser excludente, promovendo o deslocamento do expectador de seu papel tradicional de mero contemplador.